

MULTIFOCAL APPROACH: UM NOVO PARADIGMA HERMENÊUTICO PARA A FILOSOFIA

CATTANEI, Elisabetta; FERMANI, Arianna; MIGLIORI, Maurizio (Ed.). **By the sophists to Aristotle through Plato**. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2016, 250 p.

Cristiane Pieterzack*
Edvaldo Antônio de Melo**

Esse livro é uma coletânea de artigos de pesquisadores da Universidade de Estudos de Macerata, Itália, especializados em filosofia antiga. Recentemente, de 28 de fevereiro a 03 de março de 2018, os autores organizaram na referida Universidade o primeiro congresso internacional sobre o tema, intitulado: “*II Multifocal approach come valorizzazione dei profili ‘visibili’ e ‘invisibili’ di una realtà complessa*”.

O contexto da obra é aquele da crítica ao paradigma evolutivo que marcou consideravelmente a filosofia analítica e a epistemologia das ciências. A partir de tal paradigma – hoje em crise – procurava-se no pensamento tanto de Platão quanto de Aristóteles e de outros clássicos elementos que indicassem um processo de evolução. Para os teóricos do paradigma evolutivo, uma adequada abordagem dos textos clássicos deveria seguir um método gradual, progressivo e linear. Os autores de *By the sophists to Aristotle through Plato* individualizam alguns limites na hipótese evolutiva e, por sua vez, propõem um exercício interpretativo fundamentado em um novo método, o *Multifocal approach*. Essa nova proposta hermenêutica torna visível um “estilo” de compreensão da realidade que até agora não era aplicado aos gregos. Segundo os estudiosos do *Multifocal approach*, os antigos gregos abordam a realidade a partir de múltiplos pontos de vista e, portanto, elaboram uma pluralidade de esquemas e modelos interpretativos.

Para os estudiosos de Macerata, que de certo modo se inserem na linha hermenêutica da escola *Tubinga-Milão*, ter uma visão multifocal significa assumir – de modo radical – a radicalidade complexa do real. Conforme já dizia Aristóteles, cada coisa é e se diz de vários modos, muito embora exista uma originalidade constitutiva que perpassa a estrutura

* Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. E-mail: ir-cris@hotmail.com,

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; pesquisador bolsista da CAPES, Brasil. E-mail: edvaldoantonio87@gmail.com.

polivalente da realidade. Tal variedade pode ser observada já em Heráclito quando, por exemplo, afirma que o *λόγος* flui como um “rio”; também em Parmênides quando procura uma “terceira via” em substituição à dualidade do ser ou do não-ser, do uno ou do múltiplo; e mesmo em Protágoras quando não consegue estabelecer uma única medida, afirmando que a medida é o homem. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o *Multifocal approach* defende que esse estilo de explicação da realidade dos antigos, que cria e usufrui de vários sistemas de pensamento, não se conclui como uma proposta de relativismo, mas de um jogo de relações (p. 28-31).

O volume *By the sophists to Aristotle through Plato* inicia com um texto de Arianna Fermani que apresenta a interpelação do *Multifocal approach* em si mesmo e para nós (“in itself and for us”, p. 23). A mesma autora se expressa no método Multifocal aplicando-o à leitura de Platão e Aristóteles, respectivamente: “Man is unhappy in many ways. Some examples of the multifocal approach inside the platonic reflection” (p. 67-84); e “Some examples of the multifocal approach in Aristotle’s ethics” (p. 153-186). O argumento que a autora sustenta põe em questão o sentido da felicidade, da dor e do sofrimento humano, como também do intrincado problema do suicídio. Levando em consideração essas questões, a autora afirma que a busca pelo sentido de uma vida feliz ou não necessita também ser encarada de modo multifocal, através de um método que não vise somente o êxito epistemológico, mas que seja também e, sobretudo, respeitoso do humano (p. 186).

Francesca Eustachi, por sua vez, relaciona o novo método interpretativo ao contexto da sofística - “At the source of the multifocal approach: relations in the Sophistic context” (p. 33-66). A partir desse contexto no qual emergem, dentre outras, as reflexões de Protágoras e Górgias, Francesca afirma que o *Multifocal approach* considera o “jogo das relações”, mas não o relativismo (p. 44). Para os sofistas, segundo a autora, a realidade é poliédrica, ou seja, é um “inteiro” que, dependendo do contexto a partir do qual é visto, possibilita formular juízos muito diversos entre si (p. 63). Não se trata, portanto, – conclui Francesca – de um mero jogo de perspectivas. A constituição poliédrica da realidade, mesmo se vista a partir de pontos diversos, implica um conjunto de relações que impedem uma descrição arbitrária.

Maurizio Migliori trata da teoria da complexidade de Platão - “Plato: a nascent theory of complexity” (p. 85-118). Em seu texto, Migliori parte da interpretação da escritura no *Fedro* de Platão, apresentando os limites da escritura para descrever a realidade que é complexa e dinâmica em sua estrutura. De acordo com seu estudo, sendo a alma múltipla, em sua estrutura, isso tem implicações também na nossa relação com o «real». Daí o sentido de

intuir a existência de uma “desordem ordenada”, intuição que deu origem a uma de suas grandes obras sobre a filosofia dialética de Platão (MIGLIORI, *Disordine ordinato*, Brescia 2013).

Por último, com sua reflexão, Lucia Palpacelli aplica o método *Multifocal approach* à *Metafísica* e à *Física* de Aristóteles - “The multifocal approach in *Metaphysics V*” (p. 119-151); “Time and the stars: two examples of multifocal approach in Aristotle’s works on physics”, p. 187-219). É interessante o modo como a autora percorre as obras de Aristóteles apresentando as mais diversas modalidades através das quais a realidade se deixa “dizer” ao filósofo. Depois desse percurso, a autora conclui que, ao retratar a realidade de diferentes pontos de vista, o *Multifocal approach* não cai em contradições. Ao contrário, o *Multifocal approach*, ainda segundo a autora, consegue responder às *nuances* presentes em termos como natureza e substância, matéria e forma, movimento e ser.

Embora todo o livro seja escrito por autores adeptos do *Multifocal approach*, é importante ressaltar, já em sua conclusão, o ponto de vista crítico de Elisabetta Cattanei. Segundo a pesquisadora, a abordagem multifocal corre dois riscos: o risco da fragmentação e o risco de reduzir a escritura textual a um jogo, sem jamais conseguir colher todos os elementos do real, presentes nos textos clássicos (p. 221-222), fazendo-os permanecer, como também ressalta Maurizio Migliori, praticamente incompreendidos (p. 85).

Tendo em vista tais considerações críticas, e após ter feito a análise descritiva do conteúdo do volume *By the sophists to Aristotle through Plato*, queremos apresentar também algumas provocações que a leitura da obra suscita. Ressaltamos com Elisabetta Cattanei que, para harmonizar os vários pontos de vista dos antigos, é preciso igualmente ajustar as nossas “lentes” (p. 222) ou o nosso modo de ver a realidade, pois esta é plural, complexa e em constante mutação. Nesse sentido, as perspectivas abertas pelo *Multifocal approach* lançam algumas provocações às abordagens filosóficas em geral e à fenomenologia contemporânea em particular. Por esse motivo a obra já merece a nossa atenção. Queremos, a seguir, especificar melhor algumas interpelações que são dirigidas a todos aqueles que se propõem reler a filosofia clássica a partir da fenomenologia contemporânea de procedência fenomenológica.

Em *Contribuições à filosofia. Do acontecimento apropriador (Beiträge zur Philosophie. Vom Ereignis)*, Heidegger pergunta se a filosofia grega não seria uma filosofia que dá testemunho do não contraditório (§15). De fato, pode-se constatar o esforço dos gregos, sobretudo de Platão e Aristóteles, em teorizar a “ideia” (*idéa*) e a “ousia” (*ousía*) na

tentativa de fundamentar um discurso lógico do “ser”. No entanto, eles acabaram por encontrar algo “estranho” que fugia ao discurso meramente ontológico e sugeria um pensar em constante “mutação”. Nesse sentido, pode-se dizer que não é somente o “ser” que se diz de vários modos, mas também o “tempo” e o próprio discorrer da vida humana no tempo. Como enfrentar a realidade quando esta, por exemplo, significa “suportar” a dor, o sofrimento e a própria morte? Essas e outras são questões tão antigas quanto novas e que continuam a desafiar a filosofia. Nesse sentido, uma filosofia que, ao considerar as inquietudes do vivente humano, não adotasse o *Multifocal approach* seria estranha! Portanto se, de um lado, a afirmação de Heidegger referindo-se à “filosofia do povo” grego procede, de outro, pode-se dizer que Platão é pouco grego, e Aristóteles um estrangeiro na própria terra, pois suas questões ultrapassaram o horizonte do mundo grego. Por ora, assumimos o pressuposto – já consagrado – do caráter ontológico próprio da filosofia de Platão e Aristóteles e o colocamos em questão a partir do *Multifocal approach*.

Em referência a Platão, o *Multifocal approach* aponta uma tensão quanto ao problema do ser e do “outro” (*ἕτερον*), da relação com o “outro” na sua realidade plural e onto/lógica. Essa tensão aparece, por exemplo, no diálogo *Sofista*, no discurso do “estrangeiro de Eleia” que, através da categoria do “falso”, coloca em questão a ontologia. Haveria em Platão uma abertura a um “outro discurso” além da ontologia? Trata-se de uma questão que deixamos aberta para a nova abordagem multifocal. É possível observarmos uma tensão também em Aristóteles quando, por exemplo, encontra dificuldade em “determinar” o ser. De fato, para Aristóteles, a razão (*λόγος*), graças ao princípio de não contradição, é em grau de determinar e ordenar o ser. No entanto, esse princípio não pode ser aplicado quando o “objeto” é o movimento (*ἐνέργεια*) e não o ser enquanto ser, ou seja, enquanto fixado ou determinado. Portanto, verifica-se que a indeterminação do ser insiste em permanecer no pensamento do Estagirita.

A partir dessas considerações, é necessário dizer que, em se tratando dos textos clássicos, frequentemente corre-se o risco de projetar no interior deles categorias que resultariam “estranhas” ao horizonte de compreensão dos antigos. No entanto, o instrumento que temos para reler e interpretar os antigos continua sendo a hermenêutica que, por sua vez, passa também pelo crivo da análise crítica da história da filosofia. O desafio permanece hermenêutico e, portanto, a metáfora ótica do *Multifocal approach* pode inspirar e servir de auxílio inclusive à abordagem fenomenológica contemporânea, apesar da distância, dos limites e das particularidades culturais. Com todos os riscos, ousamos também afirmar que,

talvez, uma concepção semelhante à dos estudiosos do *Multifocal approach* já se encontrava presente no horizonte cultural no qual, por exemplo, Husserl desenvolveu a sua proposta filosófica, como – a seu modo – Heidegger o fez sob o viés da ontologia, e Lévinas a partir da filosofia da alteridade, dentre outros.

Nesse sentido constatamos que, desde Heráclito com a explosão do *λόγος* na imagem do “rio”, não se pode desconsiderar que somos portadores desse “fluxo” de questões que perpassaram a história, seja sob o viés da metafísica, da ontologia, da ética ou do conhecimento em geral, e que sempre desafiaram as consciências na busca de sentido ou de unidade do “real” – como já ressaltava Aristóteles. O modo como colocamos as questões revela que não nos contentamos com os limites e as circunstâncias que nos cercam, aspiramos atravessar “confins”... Mesmo com todo o aparato técnico-científico, nossa percepção da realidade continua desejosa de novas abordagens e enfoques. Constatamos cada vez mais que os instrumentos técnicos são necessários, mas não suficientes para perceber a realidade na sua estrutura plural e complexa. Desse modo, reafirmamos a importância de um método que nos desperte também para a “alteridade” do “real” e que seja, de fato, respeitoso do humano ou que, pelo menos, seja “ductile and flexible” – como almejam os estudiosos do *Multifocal approach* (p. 186). Ao recordar, no final de um dos seus textos, a pergunta de Ovídio em sua obra *Metamorfoses* VIII: “*Icare, ubi es?*” (*Ícaro, onde estás?*), Arianna Fermani (p. 83) lança uma provocação que sem dúvida visa despertar-nos para as questões fundamentais da própria filosofia, onde, segundo nosso modo de ver, o *Multifocal approach* encontra seu sentido e sua atualidade.